

ESCLARECIMENTO DE CARLOS ALBERTO SOBRE A PERDA DO FILHO

Tudo o que eu não queria, neste momento de grande dor e sofrimento, era estar aqui tendo que escrever esta mensagem.

Gostaria que esse momento de luto fosse preservado e respeitado por todos. Gostaria de viver esse momento calado e tentar entender tudo o que aconteceu. Mas, infelizmente, percebo que isso não será possível, em razão de tantas acusações que venho sofrendo, e da grande repercussão social que tudo isso tomou. Sabemos que é no silêncio que mentiras ganham roupagem de veracidade e é na internet que ela encontra solo fértil para serem propagadas de forma muito veloz, chegando a tal ponto que se você não se manifesta agora, poderá ser calado pela crença da mentira que ganhará força imensurável.

Sou Carlos Alberto, pai do Arthurzinho e, pela primeira vez, vou realizar esta manifestação pública.

Hoje é o terceiro dia da maior tragédia da minha vida e um dos mais tristes também.

Como é de amplo conhecimento, após desconfortável disputa processual, consegui por via judicial que o meu filho Arthurzinho ficasse um período comigo. Viajei no natal a Florianópolis para buscá-lo.

Com relação ao episódio fatal, na minha casa, eu e o Arthurzinho havíamos acabado de almoçar juntos. Eu estava na cozinha e ele estava há menos de 3 metros de mim, brincando com os brinquedos no chão. De repente, ele ficou em silêncio, eu olhei para ele e o vi sem qualquer reação no mesmo local, no chão.

Assustado e sozinho, tentei identificar o que estava ocorrendo, mas no momento de desespero não consegui entender ou detectar o motivo, a reação que consegui ter, naquele momento, foi de checar os seus sinais vitais, que estavam presentes. Imediatamente, coloquei ele no meu colo e o levei às pressas até a unidade de saúde mais próxima. Lá chegando, o médico imediatamente o atendeu. A equipe médica optou por chamar o SAMU, que chegou após aproximadamente 30 minutos, o que aumentou ainda mais a minha angústia, já que não sabia o que estava acontecendo com o meu filho. Após a sua chegada a equipe do SAMU rapidamente identificou o problema e retirou uma tampinha de garrafa pet das vias aéreas do meu filho. Infelizmente, ele já não apresentava mais sinais vitais.

Vale ressaltar que os fatos foram registrados por meio das câmeras internas e externas da minha casa. As filmagens foram espontaneamente entregues por mim à corregedoria. Entreguei as filmagens de 6 câmeras, desde 00:01 até 21:00. Não há o que esconder. Disponibilizei tudo o que podia e continuo pronto a colaborar com o esclarecimento de fatos.

Eu FIZ DE TUDO PARA SALVAR A VIDA DO MEU FILHO. Quando ele engoliu a tampinha, estava próximo de mim, e o fez no momento em que eu estava organizando as coisas pós almoço. Não houve falta de cuidado, ele estava sendo monitorado, foi uma tragédia que eu não desejo a nenhum pai ou mãe. Pergunto então, quem é que vai imaginar que o filho vai morrer por ter uma garrafa pet de água mineral em casa? Em qual contexto esse resultado é imaginável ou esperado? Qual pai pode ser apontado como negligente por isso? Na

verdade, fossem as acusações só de negligência, seriam menos dolorosas. Estou diariamente sendo chamado de assassino.

Reafirmo, NINGUÉM hoje sofre mais do que eu e a mãe do Arthurzinho. Infelizmente falta empatia e solidariedade em geral, mas EU PERDI O MEU FILHO NA MINHA FRENTE. Eu assisti a equipe médica tentar evitar a morte do meu filho sem sucesso. E vou ter que viver toda a minha vida com a comoção de NÃO CONSEGUIR SALVAR O MEU PRÓPRIO FILHO DA MORTE. Minha dor não está diminuindo. E sinto que somente piora a cada dia.

Não é pelo fato de que não me manifesto nas redes sociais que estou sentindo menos, pelo contrário, tenho que suportar a dor da perda somada à falta de empatia e conforto que achei genuinamente que teria da família materna, estou sendo acusado de algo que não é verdade, além de ter sido tolhido do meu direito de me despedir de meu filho, devido às ameaças e desconforto que a minha presença traria, preferi não ir ao velório e enterro, além do fato de estar em oitiva. É fácil julgar o outro e imputar inverdades quando não se coloca no lugar daquela pessoa.

Acreditei fielmente que ao ligar para o avô do Arthurzinho diante de tal situação eu teria alguma palavra de consolo, e poderia contar com eles, afinal, a dor foi imensurável e continua sendo, tal situação não deveria ter tomado esta proporção. Eu sempre estive aberto a esclarecer e informar o ocorrido, não me esquivei ou escondi, estive SEMPRE disponível para prestar qualquer informação, tanto que alguns familiares maternos estiveram em minha casa pela noite no mesmo dia em que aconteceu a fatalidade para questões procedimentais.

Estou em tratamento psiquiátrico e a cada acesso a redes sociais, as pessoas que jurei defender no exercício do meu dever de delegado de polícia só ajudam a compartilhar notícias de que matei meu filho. NÃO BASTASSE EU PERDER QUEM MAIS AMEI NESTA VIDA NO MEU COLO, TENHO AINDA QUE PROVAR QUE NÃO O MATEI. Não basta a pena do sentimento de impotência por não conseguir salvar meu filho?

Após receber a infeliz notícia de que perdi meu filho, entrei definitivamente em mais pânico do que já estava dentro da unidade de saúde. Perdi o chão. Precisava incondicionalmente de apoio naquele momento. Quis um familiar, mas nenhum parente eu tenho no Amapá. Todos estavam em Minas Gerais. Então, busquei contar com apoio da família da mãe. Liguei imediatamente para o avô materno, pai da mãe do Arthurzinho.

Tudo que eu queria naquele momento era um abraço de conforto. Afinal acabei de ver morrer quem eu mais amava. Para o meu espanto e surpresa, recebi gritos pelo telefone, ele começou a gritar, dizendo que eu era um assassino e que ele não iria ao hospital. Então, sem minha família e sem apoio da família materna, dobrou o pranto. Liguei chorando para o Vinícius, um dos poucos amigos que tenho aqui na cidade, e pedi por ajuda, pois não sabia o que fazer, achei que os laços familiares compartilhados com a família materna seriam bastantes diante da situação.

Quando ele chegou, eu só sabia chorar. Conteí o ocorrido e pedi para que ele informasse a família. Imediatamente ele ligou para o número do celular da mãe, a fim de informar a fatalidade. Quem atendeu a ligação foi o namorado dela. Então, meu amigo disse que ele

(namorado) foi muito educado e ouviu de forma atenta tudo que estava sendo dito sobre a tragédia. Certamente, a mãe foi informada dos fatos pelo namorado. Em seguida, pedi ao Vinícius que ligasse, ainda do meu celular, para os parentes da mãe que residem em Macapá. Ele o fez, começando pela irmã da mãe, tia LUINI. Ele colocou a ligação no modo viva-voz, ela começou o diálogo com os seguintes termos: “TU É UM ASSASSINO CARLOS. VOU FAZER DA SUA VIDA UM INFERNO!” (áudio anexo). Ainda em choro, apenas desconsiderei a ofensa e desliguei a ligação. Considerando a gravidade da situação e a minha vontade de cumprir o meu dever de INFORMAR a família sobre o acontecimento, meu amigo fez outra ligação, pedindo para que ela se acalmasse e assim eu pudesse esclarecer o que havia acontecido, porém, ela de forma rude e relutante a me ouvir disse expressamente ao telefone: “Amigo de c* é r*la. Vocês mataram a criança” (áudio anexo).

Em seguida, o avô materno da criança chegou ao hospital esbravejando e de forma descontrolada veio em minha direção, com a finalidade de me agredir, mas foi contido por alguns familiares, conforme consta nas filmagens realizadas pelas câmeras do hospital. Mesmo assim, pedi ao Vinícius, que com calma esclarecesse o evento a ele, pois ninguém estava VERDADEIRAMENTE disposto a me ouvir e só queriam retrucar as minhas palavras com acusações infundadas, além disso, minha presença causava cada vez mais conflitos. Com isto, Vinícius tentou, novamente, contar como ocorreu o fato ao avô, o qual na frente de todos funcionários do hospital disse: “É VOCÊ ENTÃO O AMIGO DO ASSASSINO” (fato também gravado pelas câmeras do hospital). Em seguida, o avô saiu sem querer ouvir qualquer explicação.

Logo em seguida, liguei para minha mãe, para informá-la sobre a tragédia que havia acontecido com o Arthurzinho. Outra surpresa, ela já havia sido contactada pelos parentes maternos, que disseram que eu havia assassinado o neto dela. Além de ter que lidar com a maior tragédia da minha vida e com a avalanche de acusações recaindo sobre minha cabeça, eu ainda teria que passar por mais isto: ver minha mãe idosa recebendo a notícia da morte de seu neto com a acusação de que eu o teria matado. Situação desesperadora!

Em razão de toda acusação de assassinato e como forma de esclarecer toda a VERDADE, solicitei o exame necroscópico no meu filho, para, em laudo, o médico legista explicitar a causa da morte. Além disso, pedi à POLITEC que realizasse perícia na minha casa, para afastar qualquer suspeita.

Neste sentido, após a saída da perícia, fui surpreendido por familiares em torno da minha casa, proferindo gritos como: “seu assassino de criança”. E outros tantos (fato gravado). Chorei muito antes da POLITEC chegar, tentei me conter durante a perícia, e desabei depois, principalmente ao ouvir mais ofensas.

Em minha casa, familiares maternos solicitaram as roupas do meu filho para o sepultamento, eu jamais imaginei que teria que escolher uma roupa para tal ocasião, não sei como consegui fazer isto, ainda desnorreado com toda a tragédia ocorrida, peguei suas roupinhas e entreguei a família.

Eu desejei profundamente ir ao velório, mas várias pessoas me informaram que alguns familiares mais exaltados estavam me esperando no local do velório, com ameaças tais quais foram feitas dentro do hospital tirando o meu último resquício de dignidade. Em outras

palavras, fui informado que minha presença no velório iria provocar tumulto generalizado, e a família materna precisava deste momento final de paz com Arthurzinho. Inequivocamente eles merecem sim a despedida em paz. Com pesar no coração, optei por não ir em auto sacrifício, e para preservar a ordem da despedida do meu filho. Novamente no dia seguinte fui informado que me esperavam no enterro para fazer a “vingança contra mim”. Me ausentei novamente pelo mesmo motivo. Foi prudente e necessário. Ali no hospital me mantive ao lado do meu filho por todo o tempo em que me permitiram estar perto dele, sem saber que seria a última vez que eu o veria e que aquela seria a despedida que seria oportunizada a mim, diante de toda a situação que já era delicada e se tornou com as acusações de inverdades.

Quero na oportunidade me solidarizar verdadeiramente com a família. Mas, quero que não se esqueçam que eu também sou a FAMÍLIA. Todos estão sofrendo muito, jamais em minha vida gostaria que isso tivesse ocorrido. Não desejo isso a ninguém, eu era o maior interessado em ver meu filho bem. Mas não se esqueçam que sou um pai que assistiu o seu filho morrer. Não quero dizer que minha dor é maior que a de ninguém, mas também não é a menor.

Continuo abalado e fragilizado emocionalmente, saliento que estou sob tratamento psiquiátrico e psicológico para conseguir lidar com tudo isso.

Fica claro que realizei DIVERSAS tentativas de explicar o que havia acontecido com o MEU filho, porém, as pessoas não estavam dispostas a ouvir a explicação da VERDADE, mas pareciam mais dispostas a ouvir outro tipo de resposta, a de encontrarem um culpado.

Em razão de todos esses eventos de insinuações e agressividade das pessoas, eu não tinha a mínima condição de comparecer ao velório e sepultamento do meu próprio filho.

Esse é um momento de muita dor, e peço mais uma vez que não façam mais julgamentos e propaguem informações que não são verdadeiras. Todos estamos sofrendo com o que aconteceu, não existem palavras que possam expressar tamanha a dor da perda de um filho. Espero que todos vocês se coloquem apenas por um minuto em meu lugar e imaginem ser acusados e linchados nas redes sociais por algo que não cometeu, ainda mais de um crime cometido contra seu próprio filho. Algo que poderia ter acontecido com qualquer pessoa.

Carlos Alberto.

11 de Janeiro de 2022.